

Em busca de áreas dialetais brasileiras: jogando "bolinha de gude"

In search of Brazilian dialectal areas: playing "marble"

Leandro Almeida dos SANTOS (FAMA/
UNIRB)
santosleo1811@gmail.com

SANTOS, Leandro Almeida dos. Em busca de áreas dialetais brasileiras: jogando "bolinha de gude". **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 182-194, jan./jun. 2017.

Resumo: Neste artigo apresentam-se alguns aspectos interessantes sobre os estudos linguísticos brasileiros, delimitação de áreas dialetais. Desse modo, este trabalho investiga as respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, para a questão 156 do Questionário Semântico-Lexical, que busca apurar as formas de nomear "as coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar" (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34). A metodologia utilizada consistiu na realização das seguintes etapas: a) leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; b) escolha e formação do corpus; e c) análise do corpus, objetivando identificar as variações diatópicas, a fim de traçar isoglossas delimitadoras de possíveis áreas dialetais, a partir do cotejo estabelecido com estudos semelhantes. As análises buscam identificar e estudar os itens lexicais encontrados, com o intuito de verificar a seleção lexical realizada por informantes do referido atlas, com vistas

a apurar a divisão dialetal de Nascentes (1953), com base nos estudos realizados por pesquisadores do ALiB, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015) e, por fim, Santos (2016). Vale ressaltar que a análise do corpus possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado em diversas regiões do país.

Palavras-chave: Áreas dialetais. Bolinha de gude. Léxico.

Abstract: This article presents some interesting aspects of Brazilian linguistic studies, delineation of dialectal areas. Thus, this work investigates the responses of informants Linguistic Atlas of Brazil – ALiB – to the question 156 of the Semantic-Lexical Questionnaire, to seek to ascertain the ways of naming “round thingies glass that boys like to play” (COMMITTEE NATIONAL ... 2001, p.34). The methodology consisted in the following steps: a) reading of theoretical texts concerning the proposed topic; b) selection and training of the corpus; and c) corpus analysis to identify the diatópicas variations to trace isoglosses boundary of possible dialectal areas, from the collation established with similar studies. The analysis sought to identify and study the lexical items found, to check the lexical selection made by said atlas informants, to determine the dialectal division Springs (1953), based on studies by ALiB researchers, the namely Ribeiro (2012), Portillo (2013), Roman (2015) and, finally, Santos (2016). It is noteworthy that the analysis of the corpus enabled perform the registration and documentation of lexical diversity of the Portuguese spoken in different regions of the country.

Keywords: Dialectal áreas. Marble. Lexicon.

Introdução

É sabido que o nível lexical é o que mais evidencia as mudanças históricas e culturais de um povo. Sendo assim, pode-se definir o léxico de uma língua como o nível de análise linguístico responsável por retratar todos os processos de nomeação ocorridos na comunidade, pois, com o passar dos anos, muitas palavras antigas vão deixando de ser usadas, ao passo que outras vão sendo incorporadas no vocabulário, na medida em que os falantes, sempre criativos, necessitam de novos nomes para os objetos e para as coisas.

Ainda, nessa perspectiva, vale mencionar o processo criativo e inventivo dos homens, ao surgir um referente que precisa ser nomeado. Tem-se, assim, no léxico, um local de funcionamento dinâmico, uma vez que todas as nomeações são representadas nele e por ele, portanto, salvaguardando as formas antigas e recentes no percurso histórico-linguístico e cultural dos povos.

Este trabalho discute resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito do léxico da Língua Portuguesa, em especial, voltados à utilização dele para examinar o traçado feito por Nascentes (1953), ao subdividir as terras brasileiras em dois grandes blocos. O estudo teve como objetivo analisar as respostas fornecidas para a questão 156

do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, “Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34), para verificar, por meio os itens lexicais, quais são os resultados, ao cotejar estudos que utilizaram a mesma pergunta com a finalidade de testar áreas dialetais.

Inicialmente, as leituras foram feitas com um intuito de obter um panorama sobre pesquisas semelhantes, em seguida, foi realizada uma comparação entre as variantes encontradas nos respectivos estudos, logo após, análises foram empreendidas sobre o corpus, a fim de demonstrar como os itens lexicais estão distribuídos nas regiões brasileiras e se são reveladoras de diferenças dialetais.

Fundamentação Teórica

O recorte essencial da delimitação temática da proposta deste trabalho é analisar os itens lexicais encontrados para a questão 156, QSL- ALiB, nos estudos de Ribeiro (2012) Portilho (2013), Romano (2015) e Santos (2016), na perspectiva diatópica, sob a ótica Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística Laboviana.

O estabelecimento de áreas dialetais é um anseio antigo dos pesquisadores brasileiros. No percurso histórico, nota-se que as primeiras considerações são do final do século XIX, na tentativa de delimitação de áreas dialetais brasileiras. Reconhecido o incontestável caráter plural de diversificado do PB, faz-se necessário uma revisita a algumas peculiaridades dos estudos precursores, a fim de traçar uma cronologia até os dias atuais. Todavia, antes, torna-se preponderante ressaltar que “O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas” (AMARAL, 1976, p.43).

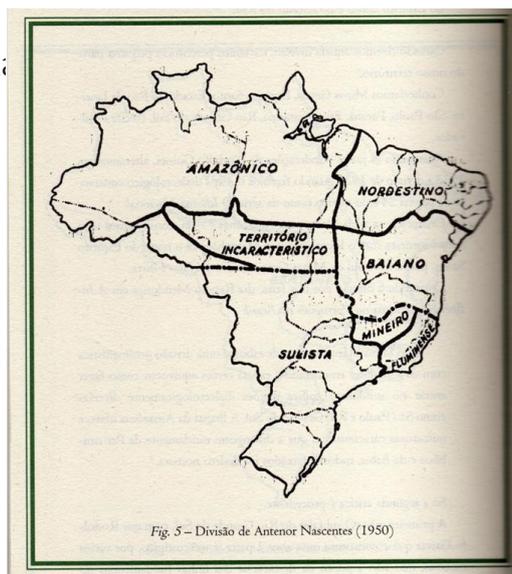
Neste sentido, sobressai-se a proposta de divisão dialetal elaborada por Antenor Nascentes, em 1922, reelaborada em 1953, na obra *O linguajar carioca*.

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul (NASCENTES, 1953, p. 24-25).

Tal divisão foi baseada em dois fatos linguísticos – pronúncia das vogais médias pretônicas e em aspectos da prosódia. Embora a pesquisa

tenha sido feita pelas impressões do referido autor, é a proposta que vem sendo alvo de estudos críticos pelos pesquisadores brasileiros, em busca da confirmação, tanto no nível fonético-fonológico quanto nos níveis léxico-semântico e morfosintático. Nascentes (1953) examina as outras propostas de divisão, as descarta e propõe uma subdivisão, a saber:

Figura 1: Divisão dialetal do Brasil (Nascentes, 1953)



Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700)

Características: Com base na cadência e abertura das vogais médias em posição pretônica, o referido autor divide o Brasil em dois grupos – os falares do Norte e os falares do Sul – que foram subdivididos em seis subfalares – Amazônico e Nordestino, compondo os do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Além desses, estabelece um território incharacterístico. Parecer: Ainda assim, tal proposta recebeu críticas feitas por Renato Mendonça, em 1935, na obra *Influência africana no português do Brasil*, mas que foram refutadas de forma enfática por Nascentes (SANTOS, 2016, p. 42, grifos do autor).

Assim, os estudos acerca do PB, no campo geolinguístico, revelam a necessidade de uma nova proposição, porém com base em pesquisa empírica. Ainda hoje, busca-se resolver um antigo problema:

[...] o de que passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados in loco, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil (RIBEIRO, 2012, p. 79).

As ressonâncias da última divisão de Nascentes (1953) são responsáveis por inúmeros estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, com os mais diversos interesses, mas, sobretudo “pela delimitação de áreas dialetais” (MOTA, 2006, p.321). Nesse âmbito, podem ser citados, dentre outros, os trabalhos de Cardoso (1986 e 1994); Ferreira, Mota e Rollemberg (1994); Ferreira e Cardoso (1995); Ferreira (1998); Mota (1999); e Viegas e Cambraia (2011).

Aqui, embora haja uma vasta literatura, com artigos, trabalhos de estudantes de Iniciação Científica, dentre outros, optou-se por destacar os trabalhos que focalizaram o léxico, com vistas à contribuição do (re) conhecimento sobre áreas dialetais brasileiras, tendo como escopo os dados do Projeto ALiB, em especial, àqueles que examinaram a questão 156 do QSL. Desse modo, a seleção traz em evidência quatro trabalhos: a tese de doutorado de Ribeiro (2012); a dissertação de mestrado de Portilho (2013) – referências importantes para este trabalho – a tese de doutoramento de Romano (2015) e, por fim, a dissertação de mestrado de Santos (2016).

No que tange à área denominada como subfalar baiano, Ribeiro (2012) se propôs a estudar a vitalidade dessa delimitação, utilizando as elocuições de 244 informantes das 57 localidades – pertencentes a área escolhida e áreas limítrofes, as quais foram nomeadas como área de controle – que compreende 11 estados, distribuídos em quatro regiões administrativas brasileiras. Para tal empreendimento, foram coletadas as denominações que correspondem as 13 questões do campo temático jogos e diversões infantis que pertence o Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB.

No ano seguinte, ao selecionar o mesmo campo temático investigado por Ribeiro (2012), jogos e diversões infantis, Portilho (2013), por meio da pesquisa de mestrado, busca atestar a vitalidade de outra área dialetal, o subfalar amazônico. Para tal intento, foram escolhidas 20 localidades, pertencentes à área geográfica em análise, adicionadas a seis localidades que compõem os pontos de controle¹. A autora privilegia duas abordagens: a diatópica e a léxico-semântica.

A tese de doutorado intitulada *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*, que tem como autoria Valter Pereira Romano, defendida em 2015, na Universidade Estadual de Londrina. Em seu estudo, o autor, para investigar o subfalar sulista proposto

¹ Portilho (2013) adota o mesmo critério definido por Ribeiro (2012), ao estabelecer “área de controle”.

por Nascentes (1953), elegeu cinco questões: QSL-001; QSL-039 – QSL-132; QSL-156 e QSL-177², do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, pertencentes a campos temáticos distintos, objetivando comprovar a vitalidade da área. Para isso, foram utilizadas, na pesquisa, elocuições de 472 informantes, das 118 localidades do Brasil, entre capital e interior, situadas em nove estados. Vale dizer que, conforme critérios metodológicos previstos na pesquisa, para não enviesar a pesquisa, não foram utilizados os dados orais dos informantes com nível superior.

Um trabalho mais recente, a dissertação de Leandro Almeida dos Santos, defendida em 2016, na Universidade Federal da Bahia, abordou o mesmo campo semântico, jogos e diversões infantis, utilizado pelas autoras mencionadas, com o objetivo de testar a área denominada como o subfalar fluminense. Foram utilizadas, para a pesquisa, elocuições de informantes de 152 informantes, oriundos das 35 localidades, situadas nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Bahia. A pesquisa se destaca por ser, até pelo que se tem notícia, a primeira a abordar a abrangência total do subfalar em questão.

Nota-se, com isso, que as respostas fornecidas para a questão 156 do QSL – ALiB podem fornecer pistas para o atual quadro dos limites dialetais brasileiros, podendo, de certo modo, confirmar os postulados de 1953 de Nascentes, pois, até então, é a única carta intercomparável nos quatro estudos sobre fronteiras dialetais, tendo como base os dados colhidos no banco de dados do Projeto ALiB.

Análise dos Dados

Os dados, para este estudo, foram buscados a partir das cartas lexicais produzidas pelos respectivos trabalhos dos já mencionados pesquisadores do Projeto ALiB. Para a realização deste trabalho, foi feito o levantamento dos itens lexicais que nomeiam “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar”, fazendo um cotejo entre os itens encontrados em cada subfalar estudado, atentando-se para quais caminhos apontam tais revelações dialetais.

Assim, pode-se visualizar um panorama das variantes encontradas e a distribuição espacial, conforme figuras e dados que seguem.

Para o brinquedo em foco, na área do subfalar baiano, destaca-

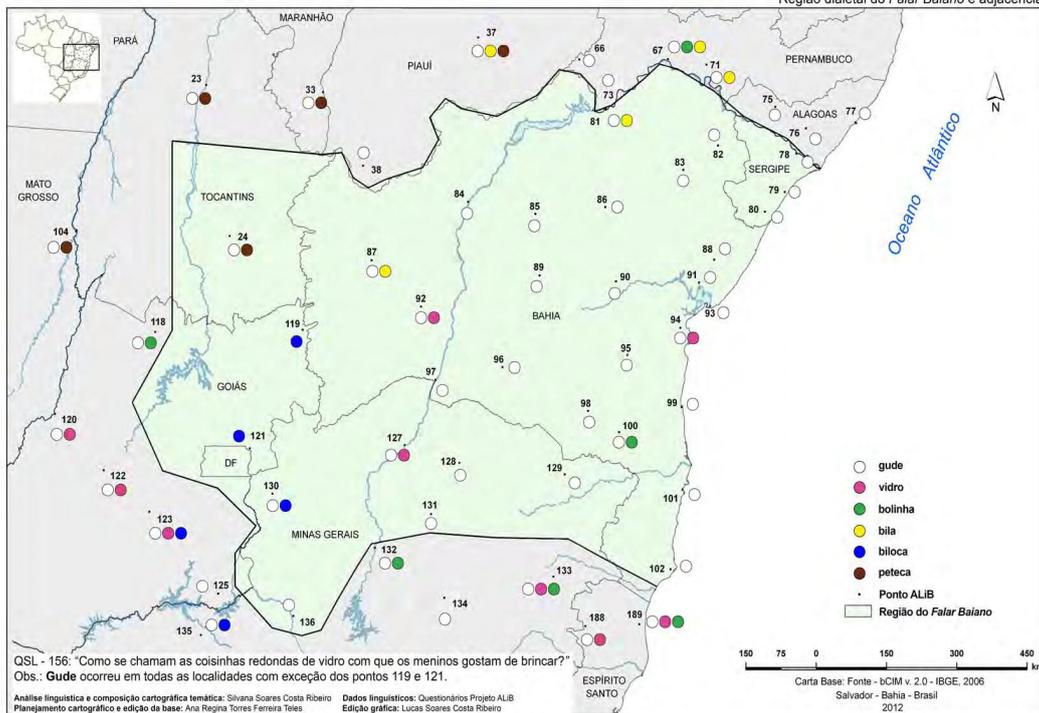
² As questões utilizadas buscam referentes para: Córrego, Tangerina, Menino, Bolinha de Gude e Geleia, respectivamente.

se o baixo índice de respostas NS/NL/NO, apenas cinco informantes não forneceram respostas, ao passo que a resposta mais frequente foi gude³, com 65,3%, num total de 314 ocorrências válidas, evidenciando, assim, a vitalidade da citada forma, em detrimento das outras que também foram documentadas, conforme figura 2, a saber: “(bola de) vidro, bolinha, bila, biloca, peteca, ximbra, (bola de) marraio, birosca, boleba, bolita e china” (RIBEIRO, 2012, p. 189).

F

Brinquedos e brincadeiras infantis na área do *Falar Baiano*

Carta 10 - GUDE
Todas as respostas por localidade (superiores a 8%)
Região dialetal do *Falar Baiano* e adjacências

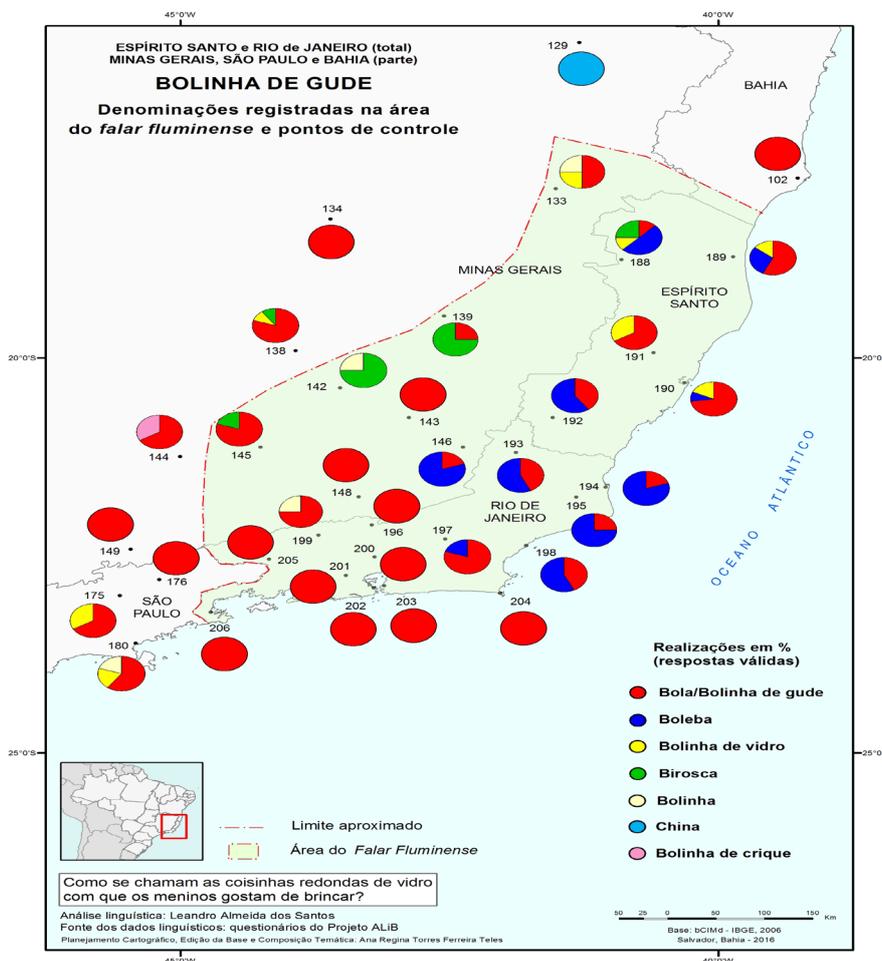


Fonte: RIBEIRO (2012).

No estudo sobre o subfalar amazônico, foram encontradas cinco formas peteca, bola de gude/bolinha de gude, bolita/bolica, bolinha e bila. Destaca-se que não houve casos de NS/NL/NO. É notável a presença majoritária da forma peteca, tanto nas capitais quanto nos interiores. Todavia, em duas localidades da área de controle, situadas no Mato Grosso, a forma agrupada predominante é bolita-bolica, conforme figura 3.

³ Gude foi o rótulo adotado na tese de doutorado de Ribeiro (2012) e representada as formas bola de gude, bolinha de gude e a própria gude.

Figura 5: Carta Bolinha de Gude no Falar Fluminense



Fonte: SANTOS (2016, p.110).

Ao considerar esses estudos, tem-se para o brinquedo em debate o único que, até então, possui estudos que contemplam os quatro subfalares: baiano, amazônico, sulista e fluminense, podendo traçar, mesmo que de forma não definitiva, isoglossas lexicais, porque os dados fornecem subsídios para isso. Desse modo, bola/bolinha de gude está distribuída nas quatro subáreas analisadas, com predominância notável em três delas, baiano, sulista e fluminense.

Considerações finais

Este estudo teve como prioridade o levantamento dos dados a partir das respostas fornecidas para a pergunta 156 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, que busca apurar as várias formas de nomear “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar”, com base nos estudos realizados por quatro pesquisadores

que integram o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em seus respectivos trabalhos finais de pós-graduação, conforme mencionado. A árdua tarefa de delimitação de áreas dialetais vem sendo perseguida pelos estudiosos brasileiros, sobretudo com vistas a testar, atualmente, se o traçado feito por Nascentes (1953) se confirma.

Vale ressaltar que toda a movimentação feita pelos homens no espaço geográfico deixa marcas culturais e, conseqüentemente, linguísticas. Logo, há necessidade de atentar-se para os fluxos migratórios internos e externos, para que se possa entender os falares em solo brasileiro.

A partir do exposto, se faz necessário algumas considerações, a saber:

i. Os itens lexicais gude, bolinha/bola de gude são os mais encontrados nas áreas pesquisadas;

ii. Há um grande leque itens lexicais que servem para responder à questão 156 e, conseqüentemente, nomear a brincadeira em análise;

iii. Percebe-se que o campo semântico jogos e diversões infantis é bastante produtivo para se analisar limites dialetais e tais dados, já sistematicamente levantados, podem fornecer caminhos para o entendimento das fronteiras dialetais brasileiras;

iv. Há, ainda, conforme pode ser notado, muito que ser feito. Há subfalares que precisam ser testados, mas, percebe-se que as análises sobre a gude/bola/bolinha de gude permitem afirmar que há um espaço comum nos falares do Sul, fato que se confirma pela predominância dos itens gude/bola/bolinha de gude nos subfalares baiano, sulista e fluminense. Ao passo que, no subfalar amazônico, nota-se a predominância de peteca.

Ao fim deste trabalho, acredita-se no fato que outros estudos devem ser feitos, contribuindo, dessa maneira, para o entendimento dos limites dialetais brasileiros, sobretudo que outros campos semânticos sejam alvo de pesquisa, sob as mesmas áreas analisadas e/ou áreas não exploradas, para que se tenha, hoje, um retrato que aponte para uma caracterização dos falares em solo nacional.

Referências

AMARAL, Amadeu. O Dialeto Caipira. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1955.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua

Portuguesa).

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Designações para cria da ovelha e a história do português do Brasil. In: FERREIRA, Carlota et al. Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador, 1994. p. 125-140.

CARDOSO, Suzana Alice. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). Estudos, Salvador, BA, n.5, p.49-59, dez./1986.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

FERREIRA Carlota. Atlas Prévio dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998. p. 15-30.

_____; MOTA, Jacyra; ANDRADE; ROLLEMBERG, Vera. Sergipe e Bahia: algumas diferenças lexicais. In: FERREIRA, Carlota et al. Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador, 1994. p. 111-123.

_____; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Um panorama da dialectologia no Brasil. Revista Internacional de Língua Portuguesa, Lisboa, n. 14, p. 91-105, 1995.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: Quinhentos anos de história Linguística do Brasil. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

_____. Estrela cadente nos atlas regionais brasileiros. Revista do GELNE, Fortaleza, n. 1, v.2, p. 25-31, 1999.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique, Louvain , t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

_____. O linguajar carioca. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROMANO, V. P. Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SANTOS, Leandro Almeida dos. Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense.

Um estudo em dois tempos distintos. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

VIEGAS, Maria do Carmo; CAMBRAIA, César N. Vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando passado e presente. In: VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). Minas é plural. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2011. p.1343.

Recebido em: 30 de ago. de 2016.

Aceito em: 27 de dez. de 2016.